

A GESTÃO DE RISCOS NAS ESCOLAS PARTICULARES NO BRASIL

AUTOR: CARLOS CESAR VENEL ARAUJO

ÍNDICE

INTRODUÇÃO_____	04
PANORAMA DE SEGURANÇA NA ESCOLA_____	05
ORIGEM DA VIOLÊNCIA_____	09
CONCLUSÕES_____	11
BIBLIOGRAFIA_____	13

RESUMO

Este artigo discute os motivos pelos quais os pais consideram a segurança como o fator determinante para a escolha da escola onde os filhos irão estudar. O objetivo principal é entender a valorização deste atributo na escolha da instituição de ensino pelos pais, e discutir alguns pontos que mistificam a noção de segurança para a instituição de ensino e pais.

Avançando no debate sobre a ampliação do atual modelo de segurança das instituições de ensino e entender a quais expectativas ele atende e as suas limitações. Além de definir quais são as pessoas que participam deste modelo de segurança no ambiente interno e externo da instituição de ensino. Discutindo a contextualização do modelo e as alternativas que atendam as necessidades de gestão de riscos da instituição de ensino para alcançar os objetivos da educação.

ABSTRACT

This article discusses the reasons why parents consider safety as the determining factor for the choice of the school where the children will study. The main objective is to understand the value of this attribute in the choice of educational institution by parents, and discuss some points that mystify the notion of security for the institution and parents.

Advancing the debate on the extension of the current security model of educational institutions and understand the expectations which he meets and their limitations. In addition to defining what are the people who participate in this security model in the internal and external environment of the educational institution. Discussing the context of the model and the alternatives that meet the needs of risk management education institution to achieve the goals of education.

Palavras-chave:

Segurança escolar, planejamento estratégico, violência, recursos humanos.

1 - INTRODUÇÃO

A discussão sobre gestão de riscos para o público escolar torna-se cada vez mais importante. Um grupo que reúne características peculiares, principalmente por ser um grupo vulnerável e estratégico. Vulnerável, pois se encontra sob tutela do estado ou de instituições privadas para que recebam conhecimento para sua formação (intelectual-cultural-social) e estratégico, pois serão os protagonistas do futuro assumindo a responsabilidade pela construção da história e da sociedade onde vivem.

A primeira questão para refletir a questão da gestão de risco nas instituições de ensino, é reconhecer que cada instituição possui uma realidade com características próprias e um potencial a ser aproveitado em favor de sua própria ação educativa. A outra é o equilíbrio que deve ser buscado para garantir que esta ação educativa alcance seus objetivos, de forma segura e consistente.

O foco das discussões está concentrado na escola privada, porém deve-se discutir também como são as políticas direcionadas para as escolas públicas e a situação de gestão de riscos nestas escolas, pois a relação entre os dois ambientes são mutuamente percebidos e discutidos pela sociedade. A principal diferença destes ambientes e a pouca prioridade, dentro das políticas educacionais adotadas pelo estado, em investir na promoção da segurança e a inconsistência das ações. No Brasil o órgão responsável por discutir as políticas educacionais é o Ministério de Educação e Cultura (MEC).

A visão do MEC sobre gestão de riscos se limita as questões de segurança física e violência. Sobre este tema, as medidas para solucionar o problema são lentas. Percebe-se, que as ações se resumiam somente em apoiar iniciativas de entidades como a UNESCO. O MEC em maio de 2012 começou a tomar as primeiras ações próprias, formalizando e homologando as diretrizes nacionais para educação em direitos humanos, como forma a combater a violência.

O atual discurso do MEC em relação à violência, tem o objetivo do desenvolvimento de uma cultura de paz para solução dos conflitos, como nas palavras do Ministro da Educação, Aloizio Mercadante: “uma educação que se posicione contra a agressão aos direitos humanos”.

A ausência de um discurso político efetivo direcionado para solucionar a segurança na escola pública acaba por refletir diretamente nas seguranças das

escolas particulares, pois ocorre um balizamento das discussões em um patamar inferior as necessidades da sociedade e das instituições. Mesmo que haja diferenças entre os modelos de segurança das escolas pública e privada, percebemos que há um enorme contingente de escolas particulares que não alcançam os requisitos considerados mínimos por especialistas de segurança.

Embora seja um desafio para todas as pessoas envolvidas com as instituições de ensino, os gestores assumem um papel estratégico de liderar as diversas iniciativas para se buscar uma cultura de análise de riscos envolvendo o ato de educar, o local onde se educa e o envolvimento com a comunidade na solução deste desafio.

2 – PANORAMA DE SEGURANÇA NA ESCOLA

A fim de ilustrar as diferenças em segurança das escolas públicas e privadas, foi realizada uma breve pesquisa através de provedores de busca, inclusive no portal do CAPES. Infelizmente não é comum encontrar produção científica sobre o tema da segurança nas escolas.

Através de um estudo da empresa de segurança, RCI First Security and Intelligence Advising, de 2011,¹ fica-se demonstrado que vários itens de segurança não são adotados pela escola. Na pesquisa, quatro itens são considerados básicos para garantir a integridade física dos alunos:

- A instalação de câmeras externas e internas
- A existência de porteiros ou seguranças
- Um controle de acesso eficaz
- Monitoramento dos alunos problemáticos

Pelo menos um item da pesquisa, não apresenta aumento de custo para a instituição de ensino, que é o banco de dados de alunos problemáticos e treinamento para lidar com estes alunos. Este tem sido um dos fatores críticos discutidos na política educacional das escolas norte americana, principalmente no K12 (designação de educação primária e secundária nos EUA, Austrália e Canadá).

O baixo nível de discussão nas escolas públicas e privadas, no Brasil, é uma demonstração da aversão ao risco pelas instituições e de empobrecimento das

relações interpessoais entre os atores do processo: professores, alunos e instituição.

Observamos no gráfico 01, as diferenças entre instituições públicas e privadas. Destaca-se a falta de estrutura e de políticas pública que minimamente forneçam segurança para a escola pública no Brasil e o quanto pode ser avançado por escolas particulares.

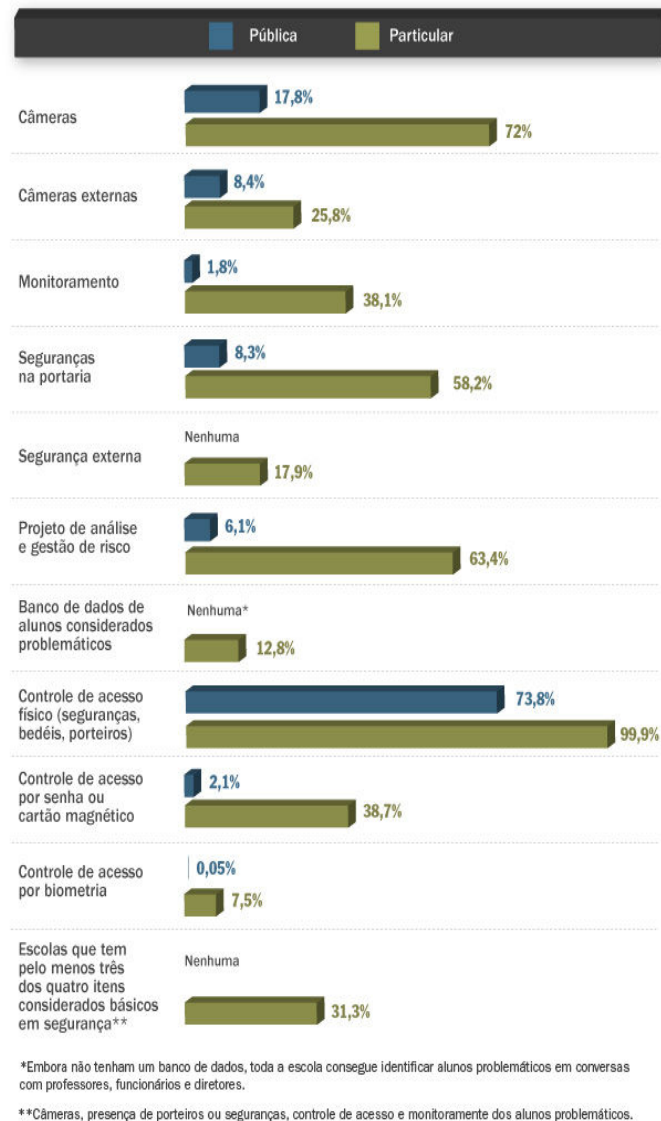


Gráfico 01

Outra pesquisa² do IBOPE, junho de 2010, encomendada pelo grupo GRSA - uma empresa de terceirização de alimentação, sobre os hábitos de alimentação, foi levantado um importante dado sobre segurança. Segundo a pesquisa, observando o Gráfico 02, em relação aos aspectos considerados importantes pelos pais, sobre o

local onde os filhos irão estudar, o atributo Segurança ocupa o primeiro lugar, com 87%. Seguido por Formação/Qualidade do Ensino, 81%; Disciplina, 74%; Companhias/Amizades, 56%; Alimentação, 50%; e Atividades Extracurriculares com 42%.

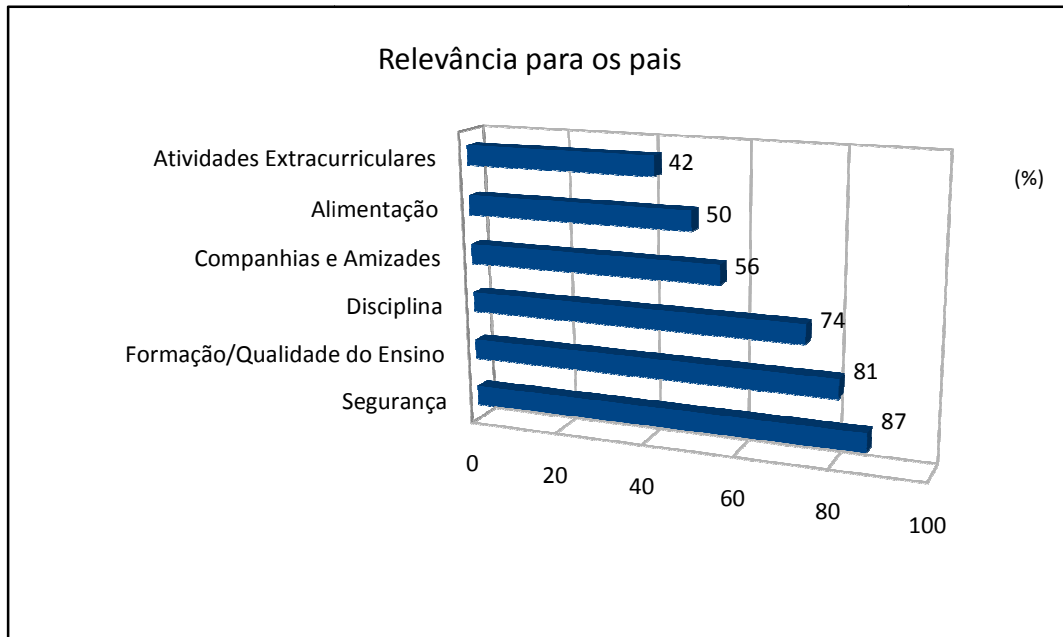


Gráfico 02

Na mesma pesquisa, observando-se o Gráfico 03, para os Gestores das instituições de ensino, as prioridades da Instituição são respectivamente: Manutenção do Projeto Pedagógico, 96%; Formação Ampla dos Alunos, 94%; **Segurança dos Alunos, 92%**; Capacitação e especialização do corpo docente, 87%; Gestão e Sustentabilidade do Negócio, 85%; Responsabilidade Social, 84%; Relação e Comunicação com pais e famílias, 80%; Instalações e Infra-estrutura, 79%; Alimentação dos Alunos, 79%; e Comunicação com o mercado/ Marketing, 63%.



Gráfico 03

Percebe-se que há prioridades diferentes para os pais e as instituições. Para as instituições o foco é a área pedagógica, pois o papel da instituição de ensino é garantir formação intelectual e ensinar os alunos a pensar. Porém esse objetivo, por incrível que pareça, não é o mesmo para os pais.

A questão colocada acima obriga os gestores das instituições escolares a refletir quais as possíveis conseqüências que a violência ou a falta de planejamento em gestão de riscos pode provocar em suas instituições.

Principalmente, falta entre os atores a consciência trazida através da Norma ISO 31000, “O risco é o efeito das incertezas sobre os objetivos”. Nenhuma instituição deseja que seus alunos possam ser afetados por eventos potenciais futuros que tragam incerteza ou conseqüências negativas e que vão causar exposição a qualquer um dos atores.

Talvez haja uma percepção subjetiva de qualidade pelos pais de alunos, partindo da premissa de que todas as instituições de ensino tradicionais primam pela qualidade. No entanto as próprias instituição de ensino admitem:

“De acordo com a diretora executiva da Fundação Victor Civita, Ângela Dannemann, é comum os pais partirem do princípio de que o ensino oferecido por colégios renomados prima pela qualidade. “Tal raciocínio, no entanto, não é correto. Mesmo escolas consagradas podem ter oscilações e, por isso, os pais devem acompanhar o aprendizado de perto.”²

Pode-se argumentar dois pontos sobre a declaração acima. O primeiro é que as instituições de ensino optam por inúmeras linhas pedagógicas, ficando difícil para os pais decidirem qual é mais apropriada, pois exige reflexão sobre valores familiares, pessoais, sociais, culturais, dentre outros que torna a escolha por este item confusa, ainda mais porque você não consegue mensurar as vantagens e desvantagens da escolha, a escola não consegue uma comunicação eficiente sobre a identificação pessoal dos pais e a linha pedagógica.

A segunda é que a segurança, ou melhor a sensação de segurança é de fácil percepção, pois é visual. Existem os porteiros, o muro alto, janelas blindadas, cerca, câmeras 24 horas, e vários outros objetos tangíveis.

Porém, o discurso sobre o modelo adotado em segurança para instituições de ensino se guia, comumente pelas notícias de violência e nos aspectos de percepção que as medidas ou ações isoladas buscam solucionar. Infelizmente, não conseguindo alcançar uma visão sistêmica do problema e conseqüentemente na gestão de riscos. Principalmente porque o risco é intangível, costumamos perceber o evento e os efeitos, mas nos preocupamos pouco com as causas.

Questiona-se, então, que ao invés de fazer a gestão de risco o objetivo tem sido somente a segurança, que é focada na da sensação de medo por parte da sociedade que se sente desamparada e que possui limitações para se defender. Esta sociedade percebe que quem poderia defender, no caso o Estado, também se depara com diversas dificuldades para garantir este direito. A escola sendo um local de apropriação social reforça os sentimentos de receio quanto à própria condição de vitimização em relação à violência. Mas que violência é essa? Como tornar a apropriação social da escola como um espaço de renovação e mudança?

3 - ORIGEM DA VIOLÊNCIA

Pode-se associar a violência a inúmeros fatores: urbanização acelerada, crescimento desordenado das cidades, aspirações frustradas de consumo, problemas sociais (miséria, fome e desemprego) e a falta de políticas públicas nas mais diversas áreas. Porém, a reflexão neste texto não é sobre a violência, mas como violência está presente cada vez mais dentro da escola, impedindo ou dificultando o processo de educação. Além de contribuir para o enfraquecimento do dogma de escola sendo um local onde as crianças estão seguras.

Nos últimos 15 anos, as notícias sobre as escolas, não tinham nenhuma dramaticidade. Até ocorrer um fatídico massacre, em 20 de Abril de 1999, no Institute Columbine, nos Estados Unidos, onde morreram 15 adolescente, incluindo os 2 assassinos e deixaram 25 feridos. Este fato foi repetidamente noticiado pela mídia americana e internacional.

Não tinha sido o primeiro e posteriormente continuaram a acontecer fatos semelhantes nos Estados Unidos, mas foi o ponto onde a escola admitiu que não esta preparada para identificar alunos com problemas emocionais graves e que estes alunos são capazes de serem protagonista de histórias terríveis.

Mesmo porque a escola ainda esta tentando lidar com desafios inerentes ao ato educativo na atualidade, tais como a massificação do ensino (numero maior de estudantes), novas tecnologias e a heterogeneidade.

A heterogeneidade, é um aspecto cultural representado pela diversidades de padrões sociais e formas de expressão.

No Brasil, como no resto do mundo questiona-se a forma como a escola se preocupa com a segurança e sobre o dogma de que a escola seria um lugar seguro. Recentemente um acontecimento ocorreu na Escola Municipal Tasso da Silveira, em 07 de abril de 2011, Rio de Janeiro, onde morreram 13 estudantes, com idades entre 13 e 16 anos e deixando 22 feridos.

No acontecimento narrado acima, há a semelhança entre os dois atos de violência, embora aconteçam em lugares com realidades diferentes. Não devemos nos esquecer de que para avaliar o nível de risco devemos ponderar entre impacto, probabilidade.

Outro exemplo foi a morte de 22 crianças na Índia, ocasionado por intoxicação alimentar em julho de 2013. Acontecimentos como esse, embora não seja relacionado a violência, está relacionado a uma análise de risco sobre a segurança da criança na instituição de ensino. Serve de alerta para o estado brasileiro avaliar e as instituições privadas de ensino, sobre a revisão de procedimentos na segurança alimentar oferecida aos alunos.

Em todo o mundo, outro destaque têm sido dado ao *Bullying*, que têm tirado o sono dos pais. Vários noticiários cada vez mais trazem relatos dramáticos acontecidos dentro das escolas. A definição de *Bullying* segundo Saavedra:

“é o termo utilizado para descrever atos de violência física ou psicológica, intencionais e repetidos, praticados por um indivíduo

(...) ou grupo de indivíduos causando dor e angústia, sendo executadas dentro de uma relação desigual de poder.”⁴

Porém a violência, seja ela apresentada sob a forma de *Bullying*, furto, dano ao patrimônio, abordagem dos alunos por traficantes, assalto, seqüestros, intoxicação alimentar, intimidação sexual, ameaças, brigas, depredação dentre outros, não pode ser o balizador das políticas de gestão em gestão de riscos nas instituições de ensino. Pois não se pode confundir violência e conflito, e o foco na violência impede o desenvolvimento do indivíduo na resolução dos conflitos.

O ponto de vista acima é defendido, conforme Chrispino e Chirspino (2002):

“O conflito, pois, é parte integrante da vida e da atividade social, quer contemporânea, quer antiga. Ainda no esforço de entendimento do conceito, podemos dizer que o conflito se origina da diferença de interesses, de desejos e de aspirações. Percebe-se que não existe aqui a noção estrita de erro e de acerto, mas de posições que são defendidas frente a outras, diferentes.”

4 - CONCLUSÕES

Há uma diferença de ponto de vista entre alunos, pais, professores, funcionários e gestores. Cada um com suas percepções diferentes sobre, violência, segurança e riscos relacionados ao ambiente escolar.

Para entender o que é gestão de risco temos que definir que, basicamente, são princípios e boas práticas de gerenciamento e de controle, baseada em normas estabelecidas e que fornecem informações uteis para auxiliar a tomada de decisões estratégicas.

O gerenciamento de risco é um processo lógico e sistemático para as organizações identificarem e avaliarem riscos e oportunidades, visando a uma melhor tomada de decisões e a avaliação de desempenhos. Apresenta uma visão para o futuro, isto é, não apenas evita ou minimiza perdas, mas lida positivamente com oportunidades (DAVIS, 2006).

A mudança de foco de segurança para gestão de risco, oferece oportunidade para a adoção de uma importante ferramenta de planejamento. Permitindo um incremento na credibilidade da instituição de ensino e nas habilidades de gestão.

Permite perceber que algumas atitudes violentas, não tão explícitas, que são

ignoradas ou mesmo consideradas como um ato natural, podem ser causadores de transtornos para o ambiente escolar. Ampliando a visão do que é violência.

Uma gestão que busque:

- 1- A prevenção e o gerenciamento da violência escolar,
- 2- A redução de riscos e passivos de segurança (vulnerabilidade),
- 3- Incentiva as relações escola *versus* comunidade (internamente e externamente).

A gestão escolar deve sair do seu modelo reativo para adotar um modelo de prevenção e de riscos, buscando minimizar os inúmeros fatores de riscos (incêndios, ameaça terrorista, acidentes e lesões, ameaça de bomba, contingência meteorológica, risco alimentar, dentre outros) que podem afetar a comunidade educativa e salvaguardar a integridade física e mental dos alunos, docentes e pessoas em geral que compõem o corpo escolar.

Finalmente permitir a reconstrução de um ambiente onde há diálogo, disciplina e informação para ensinar e aprender. Buscando a mediação dos conflitos, e aproveitando a oportunidade pedagógica de conscientização do seu papel na escola e na construção de uma sociedade preparada para aproveitar as oportunidades e em desenvolver mais resiliência.

BIBLIOGRAFIA

¹ <http://veja.abril.com.br/blog/augusto-nunes/tag/rci-first-security-and-intelligence-advising/>

² <http://www.ibope.com.br/pt-br/conhecimento/relatoriospesquisas/Lists/RelatoriosPesquisaEleitoral/OPP%20100704%20-%20GRSA%20Escolas.pdf>

³ <http://vejasp.abril.com.br/materia/escolas-particulares-seguranca>

⁴ Neto AA, Saavedra LH. **Diga NÃO para o Bullying**. Rio de Janeiro: ABRAPI; 2004.

CHRISPINO, A.; CHRISPINO, R. S. P. **Políticas educacionais de redução da violência: mediação do conflito escolar**. São Paulo: Editora Biruta, 2002.

DAVIS, Marcelo David. **A importância da aplicação da gestão de riscos nos sistemas de controle interno da administração pública**. Dissertação (Mestrado em Ciências Contábeis), Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.